

SportMAGAZINE

REVISTA DE TREINO DESPORTIVO

DOSSIER

FORMAÇÃO DE TREINADORES

PONTO DE VISTA

Mário Moreira

ARTIGOS E ENTREVISTAS

A. Vasconcelos Raposo

Rui Machado

Rui Resende

ESPECIAL

Andebol Feminino – perspetivas
sobre os desafios atuais

DESPORTO JOVEM

A importância da conciliação
do desporto com os estudos

DESPORTO E LUSOFONIA

A missão de acelerar a evolução
da natação em Portugal

DESPORTO INTERNACIONAL

A promoção do andebol
desde a formação

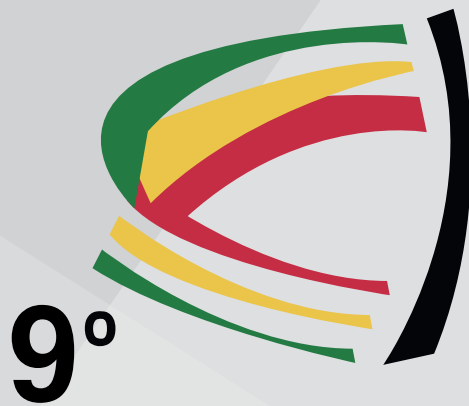
NOVOS DESPORTOS

O Teqball

**“É a busca da perfeição
que nos ajuda a
melhorar a cada dia”**

HÉLIO LUCAS

PORTUGAL



9º

CONGRESSO

TREINADORES DE LÍNGUA
PORTUGUESA

25 » 26 JUNHO

Leiria

Inscrições e infos em:

www.treinadores.pt



Câmara Municipal de Leiria
www.cm-leiria.pt

Leiria2022
CIDADE EUROPEIA DO DESPORTO
European City of Sport 2022



**TREINADORES
PORTUGAL**

TÍTULO
SPORTMAGAZINE – Revista de Treino Desportivo
n.º 2

DIRETOR
Pedro Sequeira
pedro.sequeira@sportmagazine.pt

DIRETOR EXECUTIVO
César Santos
cesar.santos@sportmagazine.pt

CONSELHO EDITORIAL
Pedro Sequeira, Diretor da SportMagazine,
pedro.sequeira@sportmagazine.pt
Vasconcelos Raposo, Treinador Olímpico,
vasconcelosraposo@gmail.com
Paulo Cunha, Professor da Universidade Lusófona,
p969@ulusofona.pt
Inês Caetano, Fundadora da Sports Embassy,
ines.caetano@sportsembassy.pt
Nuno Loureiro, Professor da ESDRM,
nunoloureiro@esdrm.ipsantarem.pt

CONSELHO CONSULTIVO
Representantes indicados por:
Confederação do Desporto de Portugal, Instituto Português
do Desporto e Juventude, Comité Olímpico de Portugal, Comité
Paralímpico de Portugal, Confederação de Treinadores de
Portugal, Comissão de Atletas Olímpicos, Panathlon Clube
de Lisboa, Universidade do Porto, Universidade de Coimbra,
Universidade de Lisboa, Universidade da Beira Interior,
Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Universidade
Lusófona do Porto, Universidade Lusófona de Lisboa,
Universidade Autónoma, Universidade de Évora, Universidade
da Madeira, Universidade do Algarve, Instituto Politécnico do
Porto, Instituto Politécnico de Santarém, Instituto Politécnico
de Leiria, Instituto Politécnico de Beja, Instituto Politécnico de
Castelo Branco, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Instituto
Politécnico da Maia, Universidade da Maia.

REDAÇÃO
geral@sportmagazine.pt
Daniel Leal: daniel.leal@sportmagazine.pt
Marina Faria: marina.faria@sportmagazine.pt
João Tinoco: joao.tinoco@sportmagazine.pt

COMUNICAÇÃO E MARKETING
comercial@sportmagazine.pt

DESIGN
Luciano Carvalho – Delineatura
design@delineatura.pt

INFORMÁTICA
Renato Sousa
renato.sousa@sportmagazine.pt

ASSINATURAS
(+351) 220 939 053
geral@sportmagazine.pt

IMAGEM DE CAPA
Carlos Saraiva

PROPRIEDADE
Publindústria – Produção de Comunicação, Lda
Empresa Jornalística – Registo n.º 213163
NIPC: 501777288
(+351) 225 899 620
www.publindustria.pt

Detentores de capital social:
António da Silva Malheiro (31%)
Maria da Graça Carneiro de Carvalho Malheiro (38%)
Ana Raquel Carvalho Malheiro (31%)

REDAÇÃO E EDIÇÃO
Quântica Editora – conteúdos especializados, Lda
Praça da Corujeira, 30-38 – 4300-144 Porto
(+351) 220 939 053
(+351) 911 909 114
geral@quanticaeditora.pt
www.quanticaeditora.pt

IMPRESSÃO
Lidergraf – Sustainable Printing
Rua do Galhano, 15 –
4480-089 Vila do Conde

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA
REGISTO N.º: 127636
DEP. LEGAL: 491118/21
ISSN: 2795-4129 (impressa) /
2795-4137 (online)
MARCA REGISTADA: 548244
PERIODICIDADE: trimestral
TIRAGEM: 5.000 exemplares



Os artigos assinados são da exclusiva
responsabilidade dos seus autores.
Esta publicação segue o novo Acordo Ortográfico de 1990,
respeitando as suas indicações genéricas e assumindo
algumas opções específicas.

DOSSIER DE APRESENTAÇÃO
disponível em <https://sportmagazine.pt/dossierapresentacao.pdf>

ESTATUTO EDITORIAL
disponível em www.sportmagazine.pt



2 EDITORIAL

3 ATUALIDADE

4 ESPECIAL

9º Congresso de Treinadores de Língua Portuguesa

6 CIDADES EUROPEIAS DO DESPORTO LEIRIA-2022

8 DESPORTO E SOCIEDADE

Leiria e leirienses a desfrutar do presente e do futuro

10 REPORTAGEM

Andebol Feminino: perspetivas sobre os desafios atuais

DOSSIER – FORMAÇÃO DE TREINADORES

16 APRESENTAÇÃO

18 PANORAMA

Programa de Formação de Treinadores de Desporto. Acesso à atividade de Treinador

20 PONTO DE VISTA

Entrevista a Mário Moreira, do IPD

25 DESTAQUE

Entrevista a Hélio Lucas, treinador olímpico de canoagem

29 REPORTAGEM

Treinadores em discurso direto: O que significa ser treinador e a sua formação

34 PERSPETIVAS TÉCNICAS

A Formação de Treinadores em Portugal: a perspetiva de modalidades sobre a sua importância e reconhecimento

38 PERSPETIVAS TÉCNICAS

A Formação de Treinadores em Portugal: a perspetiva de instituições de ensino de referência

42 PERSPETIVAS TÉCNICAS

Entrevista a António Vasconcelos Raposo, treinador olímpico de natação

46 PERSPETIVAS TÉCNICAS

Entrevista a Rui Machado, selecionador nacional de ténis

50 CIÊNCIA E DESPORTO

Treino de competências de vida aplicado ao treinador e ao treino desportivo, por Rui Resende e A. Rui Gomes

53 ESPECIAL

CIÊNCIA E DESPORTO

Repositório Técnico-científico SportMagazine

54 PERFIL

Nuno Borges e Francisco Cabral - dos sub-10 ao título que deixou o Presidente rendido

57 DESPORTO JOVEM

Entrevista a Teresa Jordão, coordenadora do futsal feminino de formação do Sporting CP

60 DESPORTO INTERNACIONAL

Entrevista a Chema Rodriguez, treinador de andebol masculino senior do SL Benfica

63 DESPORTO E LUSOFONIA

Entrevista a Alberto Silva, *head coach* da Federação Portuguesa de Natação

69 NOVOS DESPORTOS

Teqball, a modalidade da moda em Portugal

72 DESPORTO E TECNOLOGIA

Teqtable, a alma do teqball: tecnologia e modernidade a favor do desporto

74 FIGURAS

Fátima Monge da Silva - um percurso pioneiro no desporto feminino nacional

76 OPINIÃO

Comunicação, valores e atualização continua como mais-valias de um treinador, por Luís Castro

78 OPINIÃO

Para formar um atleta é preciso um treinador e uma aldeia, por Inês Caetano

80 AGENDA



Pedro Sequeira

Diretor da SportMagazine – Revista de Treino Desportivo

Falar do Treinador é falar de uma profissão secular. Profissão? Desde 2008, com a publicação do Decreto-Lei n.º 248-A/2008, de 31 de dezembro que a profissão de Treinador e a sua formação passou a estar regulada. Já tinham existido várias tentativas no passado, chegando mesmo a existir um Decreto-Lei em 1999 (Decreto-Lei n.º 407/99, de 15 de outubro) mas que nunca chegou a ser operacionalizado. Com o Decreto-Lei n.º 248-A/2008, de 31 de dezembro e, posteriormente com a Lei n.º 40/2012, de 28 de agosto e com a Lei n.º 106/2019, de 6 de setembro, que se encontra atualmente em vigor (as outras foram revogadas por esta) os Treinadores passaram a ter a sua profissão e formação reguladas.

O reconhecimento de uma profissão e da sua formação através de uma lei são um passo importante para o Estado, mas, na verdade, o verdadeiro reconhecimento de uma profissão é feito pela sociedade. Se utilizamos a remuneração como único indicador para considerar uma atividade como profissão então temos de dizer que o processo ainda está muito no início. Atualmente apenas 5% dos Treinadores vivem única e exclusivamente da remuneração como Treinadores. A maioria trabalha de forma voluntária ou com pequenos apoios para os gastos com deslocações para treinos e competições.

No entanto, isso não significa que esses treinadores se empenhem ou dediquem menos à sua atividade. Apenas têm mais limitações, pois não é fácil ter um emprego e depois ao final do dia ser Treinador e durante a noite preparar os treinos e competições seguintes. Mas é algo que destaca claramente os Treinadores das restantes profissões. Alguém imagina uma sociedade onde por exemplo apenas 5% dos Médicos ou Arquitetos fossem remunerados e os restantes trabalhassem de forma voluntária? Só isto valoriza ainda mais os Treinadores e Treinadoras.

Com este número da Revista pretendemos, por um lado esclarecer os Treinadores sobre a forma de acesso à Formação de Treinadores e como se progride na carreira e, por outro, através de entrevistas, reportagens e artigos, ficar a conhecer melhor o que é 'Ser Treinador'.

Acredito que este número permanecerá intemporal, pois tem conteúdos muito úteis para muitos anos. Espero que no final fiquem com a mesma opinião. Boa leitura! ☺

“Alguém imagina uma sociedade onde por exemplo apenas 5% dos Médicos ou Arquitetos fossem remunerados e os restantes trabalhassem de forma voluntária? Só isto valoriza ainda mais os Treinadores e Treinadoras.”



CONGRESSO YOURFUTURE

O Congresso YourFuture teve lugar no Museu Nacional do Desporto, no dia 31 de maio, com auditório lotado e centenas de visualizações online. O evento ocorreu tanto em formato online como presencial e teve inscrições gratuitas. Com o objetivo de abordar a temática das competências adquiridas no desporto ao serviço da sociedade, o congresso foi realizado sob o mote *“Soft skills are essential skills, and Athletes have it!”*. O evento foi organizado pela Sports Embassy e contou com a parceria da SportMagazine. [↻](#)

Leia mais aqui →



SEMINÁRIO “BE LIKE AN ATHLETE”

O seminário “Be Like An Athlete” (BLA) contou com duas sessões: uma a 7 de junho, em Lisboa, e outra a 9 de junho, na Maia. O evento foi organizado pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), em parceria com a Universidade da Maia – ISMAI e CNAPEF. O projeto apresentou e discutiu informações sobre o desenvolvimento pessoal dos jovens a nível psicossocial. Entre outros pontos, foram apresentados os resultados de um estudo coordenado pela professora Teresa Figueiras sobre o perfil sociopsicológico transnacional de estudantes-atletas (de 14 a 18 anos de idade) envolvidos em carreira dual. Pode saber mais sobre esses dados através do QR Code. [↻](#)

Saiba mais aqui →



Foto: Nuno Vasconcelos // I Fórum de Futsal Feminino

I FÓRUM DE FUTSAL FEMININO

Evento organizado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE-IPP) em articulação com o Desporto para Todos, o I Fórum de Futsal Feminino realizou-se no dia 29 de maio, na sede da instituição, com a presença de figuras relevantes no desporto nacional e um profundo debate sobre a modalidade no cenário nacional. Entre os presentes estiveram Luís Conceição, selecionador nacional de futsal feminino, e Pedro Dias, vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) – instituição que gere o futsal. Cenários, propostas e debates com o objetivo de melhoria acerca da modalidade estiveram em questão. [↻](#)

Confira a reportagem aqui →



II SEMINÁRIO DE DESPORTO ADAPTADO

A Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Politécnico de Leiria, anunciou, no dia 1 de junho, a realização do II Seminário de Desporto Adaptado – “Agir para incluir através do desporto”. O evento decorrerá a 9 de julho deste ano. O Seminário de Desporto Adaptado, englobado no Plano de Formação Contínua DBE, é destinado a treinadores e a professores dos grupos 260, 620, 910, 920 e 930. Para outras informações consulte o site da instituição. [↻](#)

Aceda aqui →



muito, muito importante, formar bons treinadores para que esses mesmos possam formar grandes atletas”, observou.

“Penso que está a ser dado um grande passo a nível de visibilidade do andebol feminino, presentemente os jogos têm mais público, as audiências televisivas estão a aumentar. É um caminho longo, mas que está a ser feito. Conseguir melhores resultados desportivos pode ser parte da chave para conseguir minimizar a grande diferença entre os homens e as mulheres”, acrescentou Patrícia.

Bebiana Sabino, com seus expressivos 25 títulos nacionais, afirma que é necessário “haver um maior investimento no andebol feminino, possibilitando aos clubes proporcionarem outras condições de trabalho às atletas e obviamente isso depois tem outras repercussões a nível dos salários”. Por fim, destaca que “acima de tudo, acho que tem a ver com o planeamento e investimento na modalidade que poderá proporcionar outras condições às atletas para elas serem profissionais dentro do próprio desporto”.

Leia a entrevista completa exclusiva com **Bebiana Sabino** aqui →



“Penso que Portugal tem que dedicar mais tempo às camadas jovens e muito, muito importante, formar bons treinadores para que esses mesmos possam formar grandes atletas”



ENTREVISTA COM JOSÉ ANTÓNIO SILVA, SELECIONADOR NACIONAL DE ANDEBOL FEMININO: “As coisas não se vão resolver de um momento para o outro”

SportMagazine (SM) – O que é que é preciso fazer hoje para proporcionar as condições ideais para o desenvolvimento do andebol feminino aqui em Portugal?

José António Silva (JAS) – Isto é um puzzle muito complexo, como pode imaginar. Portanto, nós não podemos ter só duas ou três soluções, temos de ter diversas soluções a caminhar todas no mesmo sentido num processo que se adivinha longo. As coisas não se vão resolver de um momento para o outro, como é óbvio, mas podemos, desde já, dar alguns detalhes.

FORMAÇÃO DE TREINADORES

Texto: Marina Faria



por parte de Mário Moreira, bem como um organigrama panorâmico de todo o processo. Depois da entrevista de destaque a um dos maiores representantes dos treinadores portugueses, Hélio Lucas, que concretiza no ideal de busca de perfeição a realização prática de uma formação, trabalho e evolução contínuos, cujos resultados falam por si, seguimos por 'dar a palavra' aos intervenientes: aos treinadores no terreno (a partir de um questionário, como que revertendo para o interior do meio desportivo a ideia indicada no início), às perspetivas de figuras ligadas a modalidades (que sintetizam de alguma forma alguns lances para debate futuro), às instituições de ensino de referência (que congregam o corpo de investigação bem como acumulam nos seus docentes as funções de treinadores).

Finalmente, quase uma súplica crítica do Dossier, a perspetiva de duas figuras, de gerações diferentes e cada um no ponto oposto da carreira, neste caso a visão historicamente marcante de A. Vasconcelos Raposo, e as análises 'frescas', e já enquadradas neste modelo de formação, de Rui Machado, que não deixa de valorizar que «a quantidade de bons treinadores que tive também me abriu horizontes».

Se a Formação de Treinadores proporcionar a consolidação da estrutura certificada de uma atividade que é sentida por todos os treinadores simultaneamente eivada de paixão e responsabilidade, isso significa que as capacidades e potencial dos mesmos serão pilares para, através da união da classe, atingir o reconhecimento social do treinador, e que através deste processo o grito 'a uma só voz' terá já servido de tiro de partida para uma corrida, a confirmar se de obstáculos ou de fundo. ○

DOSSIER

16 APRESENTAÇÃO

18 PANORAMA

Programa de Formação de Treinadores de Desporto. Acesso à atividade de Treinador

20 PONTO DE VISTA

Entrevista a Mário Moreira, do IPDJ

25 DESTAQUE

Entrevista a Hélio Lucas, treinador olímpico de canoagem

29 REPORTAGEM

Treinadores em discurso direto:
O que significa ser treinador e a sua formação

34 PERSPETIVAS TÉCNICAS

A Formação de Treinadores em Portugal: a perspetiva de modalidades sobre a sua importância e reconhecimento

38 PERSPETIVAS TÉCNICAS

A Formação de Treinadores em Portugal: a perspetiva de instituições de ensino de referência

42 PERSPETIVAS TÉCNICAS

Entrevista a António Vasconcelos Raposo, treinador olímpico de natação

46 PERSPETIVAS TÉCNICAS

Entrevista a Rui Machado, selecionador nacional de ténis

50 CIÊNCIA E DESPORTO

Treino de competências de vida aplicado ao treinador e ao treino desportivo, por Rui Resende e A. Rui Gomes

Mário Moreira

“A nossa formação de treinadores não nos envergonha em nenhum país da Europa”

Entrevista de Marina Faria

Fotos: D.R.



MÁRIO MOREIRA, Licenciado em Educação Física e Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana, Mário Moreira dedica-se há praticamente duas décadas à causa da formação. O diretor do Departamento de Formação e Qualificação do Instituto Português do Desporto e Juventude também desempenhou funções homólogas no Desenvolvimento Desportivo do IPDJ, entre 2007 e 2012, nos serviços de Formação e Desenvolvimento de Recursos Humanos (2003- 2007) ou na Formação do Centro de Estudos e Formação Desportiva do organismo (2001 e 2003). Como técnico superior atuou no Departamento de Comunicação e Informação do Centro de Estudos e Formação Desportiva, depois de ter sido professor do ensino secundário, entre 1999 e 2001. Foi representante do Estado português no grupo de peritos da Comissão Europeia Human Resources Development in Sport, entre 2015 e 2017, e da Education and Training in Sport, de 2012 a 2014.

Responsável pelo departamento de Formação e Qualificação do Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ), Mário Moreira reflete sobre as alterações à lei n.º 40/2012 que regula a atividade do treinador e sobre o atual Programa Nacional de Formação de Treinadores (PNFT). Em entrevista à SportMagazine, assume lacunas, mas enaltece um projeto ao qual nem todas as federações, a laborar em diferentes velocidades, já aderiram.

SportMagazine (SM) – Quais as mais valias do atual Programa Nacional de Formação de Treinadores?

Mário Moreira (MM) – O modelo pretende ser similar para todas as modalidades, ou pelo menos ter uma aplicabilidade semelhante em todas. Tem, no entanto, alguma flexibilidade, permitindo que as modalidades possam adaptar-se ao próprio modelo que é constituído por três componentes de formação. O primeiro de formação geral, transversal a todas as modalidades, o segundo de formação específica, essa sim é específica de cada uma das modalidades, e depois o estágio que também é específico. E são estes dois últimos a conferir essa tal especificidade em cada uma das modalidades. São as federações de cada uma dessas modalidades que definem os referenciais de formação dessas áreas, quer da formação específica, quer inclusivamente do regulamento de estágio, ambos com essa ferramenta que lhes permite especificar a formação dos seus treinadores.

SM – Alterado pela lei n.º 106 em 2020, em que momento se encontra o PNFT?

MM – Neste momento, estamos a viver uma segunda fase do que chamamos o Programa Nacional de Formação de

Hélio Lucas

“A felicidade não é contar títulos, é saber que contribuí para os resultados da canoagem”

Entrevista: Marina Faria

Fotos: Carlos Saraiva e Federação Portuguesa de Canoagem.



É mais conhecido como o treinador de Fernando Pimenta, não fora o limiano o expoente máximo da canoagem portuguesa, mas Hélio Lucas tem uma longa carreira como técnico, encetada ainda antes de completar começar a frequentar a universidade. É defensor da formação contínua, na interação com os pares e na busca incessante pela perfeição como agente motivador dos resultados de excelência que tem obtido em praticamente duas décadas a orientar o mais medalhado atleta da modalidade. Não liga ao apetecido metal, diz que deixou de contar as medalhas conquistadas pelos seus atletas quando já passavam das 220. Histórias contadas na primeira pessoa à SportMagazine



JOSÉ MACHADO é o atual Diretor Técnico Nacional de Natação Pura. Quando aceitou este cargo cessou funções enquanto treinador no Clube de Natação do Colégio Vasco da Gama.

O que significa ser treinador?

Para mim, ser treinador é ser um professor com uma muito maior dependência dos resultados que o que ensina, produz. Qualquer que seja o nível dos praticantes, a verdade é que os atletas têm que sentir que o seu papel é uma mais-valia. Os atletas têm que o sentir diretamente, mas também é importante que outros agentes envolvidos, sobretudo dirigentes e/ou pais, o sintam igualmente.

Pode indicar três qualidades e três fragilidades que sente?

Diria que para mais de 90% dos treinadores o essencial é paixão pelo que fazem e depois a resiliência e persistência na resiliência. As fragilidades estão sobretudo relacionadas com o facto

de esses mesmos 90% não terem a possibilidade de desenvolver a sua atividade a tempo inteiro, o que inevitavelmente provoca o aparecimento de diversas lacunas a nível da capacidade de intervenção, da disponibilidade para planear essa mesma intervenção e para refletir sobre a mesma.

Como poderá reforçar-se a formação de treinadores?

Na minha opinião o problema passa por duas vertentes: a primeira é a da valorização da função do treinador, e a segunda a regulação da formação dos técnicos no que respeita às funções desempenhadas. Não basta regulamentar, é necessário controlar se as regras são cumpridas.



PAULO REIS é Diretor Técnico do Atletismo do Sporting Clube de Portugal e antigo Técnico Nacional de Lançamentos na Federação Portuguesa de Atletismo. É, também fundador do Juventude Vidigalense, clube de atletismo.

O que significa ser treinador?

Ser treinador é ajudar os atletas a conseguirem alcançar os seus objetivos. É dar o máximo em prol de concretizar o sonho dos atletas que orientamos.

Pode indicar três qualidades e três fragilidades que sente?

Como qualidades indico a organização, o planeamento e a liderança. Como fragilidades, a falta de tempo, incluindo a falta de tempo para o treino e para estudar, para a parte mais teórica do processo. E o enquadramento a nível de instalações e materiais, que é uma das dificuldades

para trabalharmos a um nível mais alto.

Como poderá reforçar-se a formação de treinadores?

Penso que a formação de treinadores se pode reforçar sobretudo nos estágios presenciais com treinadores de referência, ou seja, penso que agora há muita oferta em termos académicos, mas falta um pouco mais de atividades práticas da formação. O treino do dia a dia às vezes foge um pouco daquilo que se pode encontrar nos livros.



PEDRO NOBRE que se estreou como treinador(-adjunto) no Forte da Casa, passou por vários clubes, como a equipa feminina do Sporting Clube de Portugal e de sub-20 masculina do mesmo clube, antes de se tornar no atual treinador da equipa de futsal feminino do Nun'Álvares.

O que significa ser treinador?

Ser treinador é a oportunidade de estar no local de decisão e de liderar um grupo de trabalho, sejam eles homens, mulheres ou crianças, e é um privilégio ter influência nesses grupos sejam eles quais forem.

Pode indicar três qualidades e três fragilidades que sente?

As qualidades passam por estar no desporto e ter o privilégio de viver por dentro as tantas emoções. Quanto às fragilidades, como treinadores estamos muitas vezes expostos ao dirigismo, à pouca competência do mesmo. Acho que quem avalia o nosso trabalho muitas vezes não tem competências para isso.

Como poderá reforçar-se a formação de treinadores?

Acho que é continuar os cursos, e estes serem ligeiramente mais acessíveis. Haver mais cursos em curto espaço de tempo, principalmente do nível 3, que está pouco tempo aberto. E haver atualizações, como por exemplo um teste para avaliar se as pessoas ainda têm um nível de competência que lhes permita executar a profissão para que estão habilitadas.

“ [Deve] haver mais cursos em curto espaço de tempo e atualizações.

No entanto, Marco Santos, da FAP, demonstra admiração pela força de vontade dos treinadores portugueses, tendo em conta as condições a que muitos estão sujeitos. Este afirma que, nomeadamente no andebol, há imensos treinadores com mais de uma equipa, o que limita o tempo para a família e para eles mesmos. Todavia, Marco Santos reforça que esta falta de tempo podia ser colmatada, se houvesse reconhecimento pelo trabalho realizado.

“Se o trabalho fosse [devidamente] pago creio que o primeiro fator seria recompensado. Depois não é só em termos financeiros, mas em reconhecimento. Temos treinadores que são postos em causa por um pai, por exemplo, que não percebe da situação. Para além de não ser reconhecido a nível financeiro, nem a nível de trabalho”, disse.

Para o secretário técnico para a formação de treinadores da Federação de Andebol de Portugal, muitos pais e até dirigentes de clubes apenas olham para os treinadores como fonte de resultados.

“O treinador é pai, é amigo, é treinador, é quem vê os atletas com dificuldades e compra livros, cadernos, às vezes até refeições, e os dirigentes só olham para os treinadores como sendo alguém que recebe e está lá para vencer. E, sendo assim, é complicado”, destacou Marco Santos.

“...é o maior desafio que temos pela frente”

É neste sentido que a questão da formação de treinadores está fortemente ligada ao que Aldo Costa, da APTN,

“ O reconhecimento da profissão de treinador é o maior desafio que temos pela frente e exigirá um compromisso de unidade entre os treinadores das diversas modalidades desportivas.

explicita em poucas palavras. “O reconhecimento da profissão de treinador é o maior desafio que temos pela frente e exigirá um compromisso de unidade entre os treinadores das diversas modalidades desportivas.”

Tal como outros intervenientes na área do treino desportivo, e na atividade de Treinador/a, defende por isto que “a solução é criar rapidamente um regime jurídico para a profissão. Atualmente, na ausência deste instrumento legal, vivemos num paradoxo - estamos a exigir um título profissional válido para exercer uma profissão que legalmente não existe!” As consequências, conclui, é que se cria um problema a nível doutrinário, de jurisprudência, e pior, em termos dos efeitos preocupantes no plano social. Algo que um plano de formação de treinadores parece, por si só, não resolver, por melhor que se constitua. ○

Leia as entrevistas completas de cada personalidade através do QR CODE respetivo.



Paulo Barata

Coordenador da área de Formação e da Documentação na Federação de Ginástica de Portugal, e Professor convidado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.



Daniel Neri

Treinador profissional de futebol. Sem clube neste momento, já conquistou três campeonatos estaduais nos últimos três anos com clubes diferentes.



Aldo Costa

Presidente da Associação Portuguesa de Técnicos de Natação (APTN), Professor no departamento de Ciências do Desporto na Universidade da Beira Interior.



Marco Santos

Secretário Técnico para a Formação de Treinadores da Federação de Andebol de Portugal.



Pedro Dias

Diretor da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) para o futsal e antigo treinador da modalidade.



Jorge Fernandes

Diretor da Escola Nacional de Basquetebol, foi treinador da modalidade em vários clubes.

FEFD da ULHT - 30 anos a fomentar a formação de Treinadores

Por Jorge Proença

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

Mais que qualquer texto declarativo, teoricamente fundamentado e de (boas) intenções temperado, a história com os seus acontecimentos, condicionantes, potencialidades e protagonistas fala mais alto; somos o que fizemos e queremos ser, no jogo do acaso. Um fazer e querer institucional, expressando conceções e opções individuais e coletivas dos respetivos responsáveis.

Os 30 anos de vida da Faculdade de Educação Física e Desporto (FEFD) da Universidade Lusófona (ULHT) expressam bem o significado atribuído à formação de Treinadores:

- Na licenciatura pré-Bolonha (5 anos) como na atual - desde 2008 (3 anos) -, com a mesma designação (Educação Física e Desporto) e com cerca de 700 alunos: o plano de estudos e estrutura curricular em que o Ramo Treino Desportivo (três turmas no primeiro ano em 2021/22) oferece, de par com a indispensável formação geral comum a toda a licenciatura, a especialização (Opção) com elevada carga horária nos três anos do curso e um Estágio anual; um corpo docente academicamente qualificado e com forte experiência como Treinador (todos os docentes de Teoria de Metodologia do Treino, das Opções e Orientadores de Estágio são ou foram Treinadores relevantes na sua modalidade);
- Nos mestrados em Treino Desportivo e em Futebol - da formação à alta competição, idêntica orientação expressa em planos de estudo dirigidos à aquisição de conhecimentos, capacidades e competências essenciais à função do Treinador, lecionados por docentes com relevante currículo como Treinador;
- Na formação pós-graduada e especializada em Treino Desportivo, com a criação de um órgão próprio - o Instituto Lusófono de Treino Desportivo Prof. Teotónio Lima (a maior entidade nacional formadora em treinadores de Surf);
- Na realização de Conferências, Seminários e Congressos em parceria com Clubes, Associações e Federações desportivas (com especial destaque para a Federação de Andebol);
- Na atribuição de bolsas de estudo a estudantes desportistas e na efetiva consideração da agora designada 'carreira dual' (Sérgio Ramos, Telma Monteiro são dois exemplos).

Partindo de uma perspetiva individual, a vontade de ser Treinador determinou a opção no final do ensino secundário e vinte anos de intensa vivência - da formação ao alto rendimento - contribuíram decisivamente para concepções, decisões e práticas como docente universitário e como Diretor de Cursos e da Faculdade de Educação Física e Desporto.

Continuaremos, a intervir, com plena noção da inerente responsabilidade, na formação de quem desempenha uma das mais aliciantes, mediática e importante função social na atualidade - ser Treinador -, procurando ser dignos desse privilégio.



JORGE PROENÇA, Diretor e Presidente do C. Científico e C. Pedagógico da Faculdade de Ed. Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) desde 2008; Vice-Reitor da ULHT (1997 - 2000). Desde 1991 é Diretor e docente da Lic. Ed. Física e Desporto, do Mestrado em Treino Desportivo, do Mestrado em Ensino da Ed. Física da ULHT. Doutoramento em Motricidade Humana, esp. Treino e Organização Desportiva pela FMH/UTL (1990), Professor Catedrático na ULHT (1998). Entre 1979 e 1995 foi Professor no ISEF/FMH - UTL. Treinador e Coordenador Técnico de Atletismo no C.F. "Os Belenenses", Sporting C.P., S.L. Benfica, C.D.U.L. e S.L. Benfica, treinando atletas recordistas nacionais em várias categorias e especialidades e participantes nos Jogos Olímpicos. Técnico Nacional na FPA.

ESDRM – formar treinadores numa escola de desporto que é uma cidade do desporto

Por Carlos Silva

Escola Superior de Desporto de Rio Maior - Instituto Politécnico de Santarém (ESDRM-IPS)

A licenciatura em Treino Desportivo da Escola Superior de Desporto de Rio Maior forma treinadores (técnicos superiores especializados em treino desportivo) com uma base sólida de conhecimentos teóricos e aplicações práticas, numa modalidade específica, com vista à obtenção do Título Profissional de Treinador(a) de Desporto num ambiente inclusivo, proporcionado por uma escola de desporto numa cidade do desporto.

O grau de licenciado em Treino Desportivo é conferido aos alunos que demonstrem possuir os conhecimentos e as competências necessários para intervir profissionalmente numa modalidade (à escolha), nos seguintes domínios: planeamento, intervenção, controlo e avaliação (treino e competição) sobre um ou mais atletas ou sobre uma equipa, com vista à otimização do seu desenvolvimento e/ou melhoria do seu rendimento, em contextos desportivos diferenciados (desporto de participação ou de rendimento). O aluno terá oportunidade de interagir com especialistas em várias áreas curriculares que contribuem para a aquisição destes

SM – E essa impossibilidade de uma dedicação exclusiva deve-se a questões financeiras?

VR – A remuneração da generalidade dos treinadores em Portugal é muitíssimo baixa. Há a ideia enganosa, porque como só se fala dos treinadores de futebol que ganham milhões, e são meia dúzia deles. Mas o que a maior parte ganha varia entre os 300 e os 800 euros! Mesmo os que trabalham em clubes de futebol. E há muitos treinadores que pagam para trabalhar, pois utilizam a sua viatura para transportar atletas e não tem direito a nenhuma compensação. Isto resulta de um vício que vem do século XIX. Quando foram retomados os Jogos Olímpicos em 1896, Pierre de Coubertin defendeu a sua filosofia de que só os amadores podiam participar, desde atletas a treinadores. Essa ideia de amador permaneceu até 1992, quando se realizaram os Jogos Olímpicos de Barcelona. Juan Samaranch [presidente do Comité Olímpico Internacional à data] acabou com essa hipocrisia, quando apareceu o Dream Team do basquetebol norte-americano. Só a partir de 2002, a Europa aceitou o profissionalismo do treinador, enquanto nos Estados Unidos, com uma sociedade desportivamente muito desenvolvida, sempre o aceitaram como um profissional. Nós ainda estamos na fase de aceitar que uma pessoa pode ser treinador a 'dar um jeitinho'.

SM – Perante a conjuntura atual, como vê o treinador no futuro? Ou como gostaria que o treinador fosse visto?

VR – É um formador. Tem de ser uma pessoa com formação eclética que permita intervir, compreender, interpretar as matérias. O treinador é o responsável pela preparação desportiva do atleta, quando contempla uma dimensão pluridisciplinar. Exige também do treinador o conhecimento para poder liderar equipas ou colaboradores. Um treinador tem de saber o que é preciso do médico, do psicólogo, do fisiologista, do nutricionista. A formação tem de contemplar essas áreas. Não quer dizer que seja nos cursos, mas sim na formação contínua, o treinador tem esse dever ético, porque aquele que não estuda, não aprende vai estagnar. O treinador do futuro, em dez ou quinze anos, tem de ser um indivíduo com formação superior. Porque o nível de exigência para preparar um atleta de alto rendimento, nos dias de hoje, é de tal modo elevado, que a formação não se pode resumir apenas à formação profissional. Tem de ter suporte científico para poder orientar a preparação do atleta. Tem de saber usar a tecnologia colocada à sua disposição, mesmo tendo na equipa auxiliares com competência para isso, mas tem de liderar o processo e ter competências de gestão. São raros, entre nós, os que as têm.

SM – Isso pressupõe que a formação profissional, no terreno, tende a desaparecer ou a perder importância?

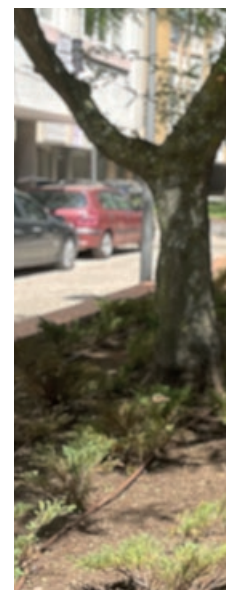
VR – Não. As exigências do alto rendimento apontam que, no futuro, a generalidade dos treinadores deverá ter uma formação superior. Isso não quer dizer que desapareça a formação profissional, que fique claro. O que quero dizer é que para o alto rendimento, para orientar equipas com ambição de participação de Jogos Olímpicos e aí ir às finais e lutar por medalhas, os treinadores precisam ter uma formação altamente qualificada que só se pode adquirir através da academia, local privilegiado da produção de saber.

SM – A solução ideal passa, portanto, pelo 'casamento' entre o conhecimento teórico e o prático...

VR – Temos uma investigação científica feita por investigadores portugueses de alto nível subvalorizada. A nataçã, no ranking mundial dos 50 melhores investigadores do mundo. Temos seis investigadores portugueses nos



ANTÓNIO VASCONCELOS. Natural de Ponta Delgada, Açores, a 28 de março de 1950, António Jacinto Branco Vasconcelos Raposo foi praticante de basquetebol, voleibol e nataçã na São Miguel natal. Foi na piscina que encontrou aquela que chama a sua «paixã» e alvo de estudo desde que se licenciou em Educaçã Física. «Iniciei-me como professor de nataçã em 1966, pela mã do Miguel Silva, que me motivou para vir para esta profissã. Fiz a formaçã superior de treinador na antiga-RDA, mestrado em treino de alto rendimento, desempenhei funções de treinador no Sport Algés e Dafundo, no Clube TAP e na GesLoures. Fui treinador da Seleçã Nacional e treinador olímpico nos Jogos de Atlanta-1996 com a Maria Carlos Santos.» É assim que se descreve este estudioso do método de treino, com 23 livros publicados em Portugal e Espanha. *Planificación y Organización del Entrenamiento Deportivo* foi o primeiro livro publicado por um português no país vizinho, versando o tempo. Prelector da Solidariedade Olímpica em diversas açções e cursos de formaçã de treinadores no estrangeiro, é ainda autor e obras como *O Ensino da Nataçã*, *O Diário do Nadador*, *A Preparação Directa para as Competições*, *A Carga no Treino Desportivo*, é co-autor de Metodologia da Ensino das Técnicas de Nadar, Saltar e Virar, Aprendizagem Motora em Nataçã, O Manual do Monitor e O Treino de Jovens. Integrou, como quarto oficial, o destacamento de fuzileiros especiais que cumpriu a comissã em Angola e São Tomé e Príncipe no período de 1973 a 1975 na Guerra Colonial. Uma experiência da qual resultou também o livro *Até ao Fim – A Última Operação*. Pelo seu desempenho profissional, recebeu diversas condecorações, louvores e menções honrosas, em Portugal e no estrangeiro.





de sub-14, o Maia Jovem, para o mais elevado, equiparado ao Le Petit As, a supercategoria. Já estamos a colher alguns frutos, mas é algo que se vai colher mais a médio e longo prazo. A redução de custos pelos jogadores poderem jogar torneios cá é brutal. Com mais torneios cá, ajudamos muitos mais atletas indiretamente. A outra intenção era trazer o nível competitivo a Portugal e assim beber da experiência de outros treinadores, de outros jogadores. Uma terceira mais-valia, prende-se com a perspetiva de os treinadores portugueses estarem muito mais presentes na competição, porque é mais fácil gerir uma saída a 300 km de casa do que passar semanas fora. A existência de torneios em Portugal também tem influência nos mais novos que ainda não jogam, porque lhes dá perspetiva de futuro e motiva para verem ténis como carreira.

SM – Como vê a discrepância entre o ténis masculino e o feminino em Portugal?

RM – No feminino, estamos a passar uma fase um pouco complicada, tivemos muitas jogadoras que se retiraram precocemente e só agora começamos a levantar a cabeça, mas o número de jogadores com pontos ATP é mais do dobro do que existia. Não quer dizer que todos vão ser profissionais, mas a experiência no futuro vai ser importante para quando forem treinadores, passarão a ter um nível de conhecimento diferente do que é o circuito. Voltando ao feminino, temos um grupo de mais novinhas, estamos a caminhar no sentido certo, mas de forma muito lenta. No desporto em geral, parece-me que há mais mulheres a praticar, mas não numa perspetiva tão profissional. O ténis está bem de saúde no que toca ao número de praticantes. Temos um bom

ratio, a grande diferença é muito na mentalidade quanto a um possível profissionalismo.

SM – No plano de trabalhos da FPT, o que tem sido feito para contrariar essa realidade e chegar à tão pretendida base da pirâmide?

RM – Em 2020, começamos com um projeto que é o Touring Teams que vai dos sub-12, sub-14 aos sub-16. Escolhemos seis atletas por idade e por escalão em masculinos e femininos e a FPT patrocina o calendário a competições internacionais. Não é o calendário completo, mas é complementar e bastante bom, são bastantes torneios lá fora e são conjugados com os que organizamos em Portugal. Depende dos escalões, mas são entre 12 a 14 torneios por ano. Claro que estes dois últimos anos foram muito atípicos, porque houve muitos cancelamentos devido à pandemia, mas a ideia é que saiam para quase dez torneios primeiro semestre do ano, no segundo já há mais campeonatos nacionais e menos saídas. É um projeto novo que vai dar frutos e trazer competitividade no futuro. A FPT vai pagar a quem tem mais mérito, independentemente da condição financeira de cada família. Em abril começámos a lançar centros de desenvolvimento nacional. O projeto contempla quatro polos – Algarve, Porto, Lisboa e Centro do País – para atletas dos 11 aos 16 anos. Uma vez por semana, vão reunir os melhores atletas por escalão etário e, através de uma ligação forte com os clubes, ajudar a desenvolver os melhores. Serão de quatro a seis por escalão e zona, logo terá uma abrangência dos 24 melhores do País, fazendo com que estejamos mais próximos dos clubes, ajudando-os a trabalhar melhor. ○

Chema Rodriguez

“A promoção do andebol devia fazer parte da formação”

Entrevista e texto: Marina Faria

Fotos: SLBenfica e EHF



Como central, Chema Rodriguez foi considerado uma sumidade da história do andebol. Como treinador, ninguém em Portugal vai esquecê-lo por ter sido o primeiro a ter levado o Benfica ao título na Liga Europeia, o mais alto conquistado por um clube nacional. Formado em Espanha para uma profissão que nunca pensou abraçar, foi também do lado de cá da fronteira que tirou o Master Coach, razões mais que suficientes para considerar uma perspetiva ‘internacional’ que é cada vez mais ‘portuguesa’. Fica aqui a visão e os conselhos do técnico.

SportMagazine (SM) – A transição de jogador foi um processo natural?

Chema Rodriguez (CR) – Sim foi um processo natural deixar de ser jogador e ser treinador. Depois de uma carreira longa e de grande nível acabou ajudado a formar-me como treinador. Tive a sorte de ter muitos dos melhores treinadores do Mundo nas minhas equipas, como o Juan Carlos Pastor, Manolo Cadenas, Xavi Sabaté, Jesus Javier Gonzalez, António Carlos Ortega, que são treinadores que comandam equipas máximo nível. E pouco a pouco fui aprendendo com eles e retendo as coisas que se enquadravam nas características que considerava importantes no carácter de treinador. E foi-me formando, depois há todos os cursos de treinador. Passei por esse processo de formação em Espanha e depois tirei o Masters Coach aqui em Portugal. Também ajudou muito a minha formação.



grande maioria faz aqui. Então, eu ter que pegar uma pessoa e treiná-la da maneira que eu quero leva tempo. Eu consigo treinar, mas talvez ela nem acredite, porque ela não viu um resultado, um começo, meio e fim. Então, foi uma exigência, sim, de que eu trouxesse essas pessoas. O Sami ajuda-me muito a implantar e cuidar da parte técnica. O Igor ajuda-me muito com as cargas de treino para os trabalhos de alto rendimento. Esse trabalho é baseado em desenvolver força sem fazer o atleta se tornar um halterofilista, mas suficiente para que eu transfira essa força para a água. E para transferir eu tenho que ter uma metodologia muito eficiente na água associada à parte técnica para que possamos transferir o que se ganha no ginásio para a água.

SM – É um treinador com mais de três décadas de experiência e está sempre a disputar grandes competições internacionais. Embora seja comum falar na preparação dos atletas, ser treinador também exige bastante estudo e preparação. De que forma consegue manter-se atualizado e o que é necessário para um treinador manter-se tanto tempo no topo na profissão?

AS – Eu sou alguém que está entre os mais velhos daqueles que estão no ativo. Sou da época em que nós usávamos a intuição em cima de um conhecimento que tens de uma formação académica, que não precisava ser a melhor universidade, ou ter feito um mestrado ou doutoramento, não que isso fosse atrapalhar, mas era ter uma parte intuitiva muito boa de olhar algo e dizer “isso interessa-me e posso encaixar no meu trabalho”. Acredito que eu sempre tive isso. Foi um ponto forte em mim como treinador. Há anos, não tínhamos a internet com os seus recursos. Então, a atualização dava-se através de palestras presenciais

e livros. Eu estava mais habituado a buscar referências em livros, ver pontos para encaixar no meu programa e, a partir do momento mais à frente, busquei mais artigos científicos. Em certo momento era muito interessante pegar numa pesquisa e refletir. Hoje, já tenho um pouco de dificuldade porque, ao longo dos anos, como me cerquei sempre de boas referências nesta equipa multidisciplinar, essas pessoas também vão buscar referências, estudos, e como eu acabo por coordenar a equipa, isso chega para mim através desses profissionais.

No Brasil, estávamos afastados, na América do Sul, e não tínhamos uma referência em volta. Tínhamos que sair dali, estávamos afastados da Europa, Ásia, Oceania. Então, eu viajava muito aos Estados Unidos para buscar referências. E chegou um momento na minha carreira que também comecei a ver o que o leste europeu fazia. E passei a buscar livros, [Yuri] Verkhoshansky, [Vladimir] Platonov. Havia sempre um desfasamento porque quando lançavam os livros, não chegavam ao Brasil e quando eu os conseguia já tinham passados quatro, cinco anos. Mas atualmente, há tantas referências, inclusive, tantas pessoas que nunca fizeram trabalhos de campo e só estudam e toda hora lançam artigos... prefiro basear-me naquilo que tenho, no embasamento teórico, por pessoas qualificadas, experientes, mas que tenham sido colocadas em campo por alguém, que foi o que eu fiz. Falaste do biomecânico, o meu primeiro biomecânico no Brasil apareceu por fazer um estudo de força na água com os atletas. Desse estudo, eu pedi para ele filmar os atletas e comprámos o equipamento para filmar. E desde então, ele começou a buscar informação de programas de análise técnica. Não era eu que ia buscar, mas ele buscava e discutia comigo. Muitas foram as pessoas que dentro de

Teqtable, a alma do teqball: **tecnologia e modernidade a favor do desporto**

Texto: Daniel Leal

Fotos: FPT

Se o Teqball é considerado por muitos como um dos desportos atuais em maior crescimento no mundo, pode-se dizer que muito desse desenvolvimento se deve ao equipamento que caracteriza e diferencia desde logo a atividade: a mesa de Teqball. Denominada de Teqtable, a superfície especial em que reside a alma e engenho para a modalidade tem quatro formatos: TeqX, TeqLITE, TeqONE e, a mais moderna, TeqSMART.



O *design* da mesa garante que a bola ressalte para os jogadores, ajudando a manter o ritmo de uma jogada. A mesa curva também significa que a bola ressalta frequentemente de uma forma imprevisível, o que desafia os jogadores e os retira da sua zona de conforto. “O Teqball é um desporto de fusão entre o futebol e o ténis de mesa. Utiliza a bola e os toques do futebol e uma mesa semelhante à do ténis de mesa, sendo que o tampo é curvo para melhor projetar a bola e a rede é rígida”, explica Vasco da Rocha, vice-presidente da Federação Portuguesa de Teqball.

A Teqtable é apontada pela Federação Internacional de Teqball como uma “revolucionária peça de equipamento desportivo”. O equipamento levou mais de dois anos de testes e pesquisas para desenvolver sua forma final inovadora e sofisticada. A rede é de plexi sólido (material sólido, estético e perfeitamente transparente) e, portanto, a bola salta de volta, de modo que o conceito de jogos ininterruptos não é mais um sonho.

A mesa possui 1,5 metros de largura (ou 1,7m incluindo a rede), com 3 metros de comprimento. A estrutura da mesa Teqball, alinhada com as regras, não permite

Comunicação, valores e atualização contínua como mais-valias de um treinador

Luís Castro

Treinador de Futebol

Não se deve confundir pacificidade (e aqui deixo claro que me refiro a ser uma pessoa pacífica e não passiva) com a falta ambição e 'ganas' por vitórias. Nem se deve confundir a sensibilidade com falta de absoluto comando do balneário – afinal, sim, é possível ser uma pessoa sensível e dura. Nem tampouco deve-se misturar a abertura ao diálogo franco com uma carta em branco para a ausência de respeito, regras e limites.

A dificuldade em encontrar o equilíbrio na linha ténue que orbita entre a liderança de um treinador transparente e criterioso e a de um profissional rigoroso e honesto com os seus valores pessoais, técnicos e morais é um dos elementos que julgo fundamentais como passaporte para o sucesso. Ou seja, é preciso saber comunicar, seja com jogadores, administração do clube, equipa técnica ou adeptos.

Quando falamos em formar um treinador, um dos fatores que penso ser impossível de ser ensinado é a de liderar. A liderança é um processo complexo que implica sensibilidade, multidisciplinaridade e, sobretudo, alguns fundamentos que não estão à venda na prateleira: tempo e prática – são parceiros, para se desenvolverem um ao outro.

Cada treinador tem um conjunto de características associadas a si. Penso que sou um treinador compreensível, mas acima de tudo sou frontal e claro com os meus jogadores. Aquilo que eu tenho que lhes dizer, digo com educação e com o respeito que eu exijo que eles tenham por mim. Isso tem sido, e nos últimos anos tem se acentuado mais, a minha forma de liderar que não será a mesma de há muitos anos. Não tenho hoje no Botafogo a mesma forma de liderar que tive no Qatar, na Ucrânia ou em Portugal.

Embora esteja alicerçada nos mesmos valores. Quando nos encontramos em culturas diferentes temos que



© Vitor Silva_Botafogo - Flickr

Luís Castro, Treinador UEFA PRO com uma década de serviços prestados ao Futebol Clube do Porto e atualmente à frente da equipa do Botafogo, no Brasil, Luís Castro, 60 anos, acumula na carreira passagens vitoriosas no Shakhtar Donetsk (conquistou um campeonato ucraniano) e no Al Duhail (vitória na Taça do Emir do Qatar). Em Portugal, o treinador já passou por Águeda, Mealhada, Estarreja, Sanjoanense e Penafiel, depois o FC Porto (onde chegou a assumir a equipa principal em 2013/14), acabando mais tarde por comandar o Rio Ave, o Desportivo de Chaves e o Vitória de Guimarães.

adotar estratégias diferentes de abordagem aos diferentes temas e situações que se nos deparam. Há coisas que são transversais, isso é verdade: o respeito que eu tenho em Portugal, na Ucrânia, no Qatar ou no Brasil é o mesmo; a minha exigência pode ser maior aqui ou ali, isso pode variar devido à cultura de cada uma das equipas e jogadores que a constituem. Mas, acima de tudo, há uma coisa que é uniforme na minha liderança: a clareza, o 'não mentir' ao meu plantel, ao meu coração, ser verdadeiro na análise. Destaco alguns fatores que julgo serem relevantes para a formação de um treinador de sucesso:

- Ter uma capacidade de liderança que lhe permita dominar todas as situações que apareçam a nível da comunicação, da relação com a imprensa, a administração, os adeptos, os jogadores, com todos os departamentos (neste caso, do futebol);
- Ter competências reconhecidas pelos jogadores que comanda no dia a dia;

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO NO DESPORTO

COORDENAÇÃO

ALFREDO SILVA

NOTAS DE ABERTURA de

Vítor Pataco
Ricardo Gonçalves
João Moutão
Filipe Santana Dias
Luís Cid
Fernando Parente

PARTICIPAÇÃO de

Abel Santos
Alberto Dorado-Suárez
Alfredo Silva
Amílcar Sardinha Antunes
António José Silva
António Pedro de Sá Leal
Diogo Palha
Enrique Colino
Fernando Marques
Javier Sánchez- Sánchez
Jorge García-Unanue
José Luis Felipe
Leonor Gallardo-Guerrero
Manel Valcarce
Nuno Domingos Garrido
Tiago Ferreira Santos
Tiago Sousa



Disponível na **booki** – livros técnicos
– www.booki.pt –
e nas livrarias de referência.

sportbook

SportMAGAZINE

Assine já a



SportMAGAZINE

REVISTA DE TREINO DESPORTIVO

a **sua** revista de treino desportivo!



PAPEL

ou



DIGITAL

+



ONLINE

A partir de 20€ por ano*, incluindo:

- 4 números por ano - papel ou digital
- Acesso integral anual ao portal online
- 20% de desconto na livraria www.booki.pt
- Newsletters quinzenais
- Conteúdos técnicos e científicos exclusivos em diferentes modalidades (planos de treino, documentos técnicos, etc.)

* Condições especiais para parcerias e protocolos

Saiba mais em:

www.sportmagazine.pt